



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Ano 2, Vol. I, Número 1, Jan-Jun, 2018, p.150-175.

IMPACTO DA GRAVIDEZ PRECOCE SOBRE OS RESULTADOS EDUCATIVOS E SOCIECONOMICOS DE ADOLESCENTES MOÇAMBICANAS: RESGATAR O PASSADO E PERSPECTIVAR O FUTURO

Brígida D'Oliveira Singo

RESUMO: A gravidez na adolescência é um fenômeno complexo, associado a inúmeros factores educacionais, económicos, sociais e comportamentais. Muitos estudos realizados em outros países preocupam-se em apresentar a forte associação entre a idade em que a rapariga tem seu primeiro filho e indicadores educacionais, sociais e económicos relativos aos seus resultados futuros. Na maioria destes estudos, encontram-se evidências de que a gravidez precoce não só prejudica o desempenho escolar, mas também dificulta a inserção das jovens mães ou mães-precoce no mercado de trabalho. Este fenómeno ou facto, tem sido considerado, muitas das vezes, como uma desvantagem socio-económica associada ao círculo vicioso da pobreza e do aumento das desigualdades de gênero no mercado de trabalho dos países em vias do desenvolvimento e não necessariamente relacionada à potencialização educacional e comportamental das mães-precoce. O objectivo dessa pesquisa é analisar o impacto da gravidez precoce sobre os resultados educacionais, económicos, sociais e comportamentais das adolescentes moçambicanas. Em 2010, o número de adolescentes no mundo era estimado em 1 bilhão e duzentos milhões, perfazendo cerca de 18% da população mundial. A maior parte desses adolescentes, ou seja, 88%, vive nos países em vias do desenvolvimento e um desses países é Moçambique que, a nível da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), continua a ser aquele que tem a mais elevada taxa de gravidezes na adolescência. Segundo dados oficiais relativos a um inquérito feito em 2011, mais de 42% das jovens moçambicanas declararam ter tido um filho antes dos 18 anos e cerca de 8% antes dos 15 anos, portanto, o problema da gravidez precoce em Moçambique atinge proporções alarmantes. Esses dados remete-nos a estimativa de que há uma redução em 42% da probabilidade de frequentar a escola e em 89% da probabilidade da adolescente possuir pelo menos o Ensino Primário completo. Na mesma análise foram encontradas evidências de que a presença de filho também reduz as chances da jovem mãe participar efectivamente no mercado de trabalho. A manter-se a actual prevalência de gravidezes prematuras, o país terá cerca de 730 mil raparigas mães, menores de 18 anos, em 2030, uma situação que preocupa muito não só ao Governo moçambicano, mas também ao Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP). Para a representante do FNUAP em Moçambique, Bettina Maas, quando uma rapariga fica grávida, o seu presente e o seu futuro mudam radicalmente. Os resultados obtidos mostram evidências de que a gravidez precoce trás impactos negativos significativos sobre o desenvolvimento educacional da adolescente. A medida que a probabilidade de abandono escolar aumenta, as oportunidades de emprego diminuem, a saúde da



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

adolescente fica em risco e agrava-se a sua vulnerabilidade à pobreza, exclusão e dependência. Esta é a realidade a que quase metade das adolescentes moçambicanas estão expostas, especialmente aquelas que residem nas áreas rurais (vila-sede e localidade de macanda, distrito de Marracuene), as menos escolarizadas e de famílias de baixo nível económico.

Palavras-Chave: Gravidez na adolescência, Educação, Mercado de trabalho e Pobreza.

Abstract: Adolescent pregnancy is a complex phenomenon, associated with numerous educational, economic, social and behavioral factors. Many studies conducted in other countries are concerned with showing the strong association between the age at which the girl has her first child and educational, social and economic indicators related to her future results. In most of these studies, there is evidence that early pregnancy not only impairs school performance, but also hampers the insertion of young mothers or early mothers into the labor market. This phenomenon or fact has often been considered as a socio-economic challenges associated with the vicious circle of poverty and the increase of gender inequalities in the labor market of the developing countries and not necessarily related to the educational and behavior of early mothers. The objective of this research is to analyze the impact of early pregnancy on the educational, economic, social and behavioral results of the Mozambican adolescents. In 2010, the number of adolescents worldwide was estimated at 1 billion and 2 million, making up about 18% of the world's population. Most of these adolescents, or 88 per cent, live in developing countries and one of these countries is Mozambique, which at the level of the Southern African Development Community (SADC) continues to be the one with the highest rate of teenage pregnancies. According to official data on a survey conducted in 2011, more than 42% of Mozambican girls report having had a child before age 18 and about 8% before age 15, so the problem of early pregnancy in Mozambique reaches alarming proportions. These data indicate that there is a 42% reduction in the probability of attending school and in 89% of the probability that the adolescent has at least a complete primary education. In the same analysis, evidence was found that the presence of a child also reduces the chances of the young mother participating effectively in the labor market. If the current prevalence of premature pregnancies is maintained, the country will have about 730,000 young mothers under 18 in 2030, a situation which is of great concern not only to the Mozambican Government but also to the United Nations Population Fund (UNFPA). For the UNFPA representative in Mozambique, Bettina Maas, when a girl gets pregnant, her present and future changes radically. The obtained results show evidence that the early pregnancy brings significant negative impacts on the educational development of the adolescent. As the probability of dropping out increases, job opportunities dominate, adolescent health is at risk, and its vulnerability to poverty, exclusion and dependency is exacerbated. This is the reality that almost half of Mozambican adolescents are exposed to, especially those living in rural areas (the village of Macanda and Marancuene district, Marracuene district), the less educated and low-income families.

Key words: Adolescent pregnancy, Education, Labor market and Poverty



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

1. Introdução

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a gravidez precoce na adolescência é um fenómeno universal que corresponde a uma gravidez compreendida entre os dez e os vinte anos de vida de um indivíduo, no entanto neste período, a idade varia consoante o país e os hábitos culturais em que uma determinada jovem se encontra inserida. Embora só recentemente se tenha começado a falar do tema da gravidez precoce na adolescência, este fenómeno começou a ocorrer já durante a pré-história, uma vez que os primitivos iniciavam a vida sexual muito cedo, cujo objectivo era preservarem a espécie, (pois segundo o seu intuito, o tempo de vida naquela época era bastante curto). A adolescência é um período de vida, caracterizado por várias mudanças fisiológicas, comportamentais e emocionais, aliás é exactamente durante este período que se começa a tomar importantes decisões, tanto ao nível social e familiar, como ao nível da sexualidade, decisões estas que se reflectirão na vida futura dos adolescentes. Sendo assim, é neste contexto que é necessário dar extrema importância a esta fase da vida, pois esta transição entre a adolescência (para não dizer infância, pois os psicólogos interpretariam de forma diferente) e a idade adulta, pode resultar em problemas futuros para o desenvolvimento de um indivíduo. As mudanças físicas ocorridas na adolescência devem-se, essencialmente, ao facto da produção hormonal excessiva durante este período, o que provoca uma alteração funcional e emocional (o que explica a debilidade no controlo e no desequilíbrio psicológico dos adolescentes). A fase puberal, marca o início da vida reprodutiva nos adolescentes e implica como já referenciamos anteriormente mudanças psico-fisiológicas nos jovens. Assim, uma gravidez na adolescência não só provoca alterações na própria transformação que ocorre de forma natural (puberdade), mas também provoca um duplo esforço de adaptação psico-fisiológica e movimentação das duas realidades que convergem num único momento, o ser adolescente e estar grávida.

A vida sexual é uma das necessidades fisiológicas essenciais da existência da humanidade, e infelizmente, os adolescentes ou jovens iniciam a sua vida sexual



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

simplesmente por curiosidade, mas também por pressão dos indivíduos do seu meio, em que se inserem ou realmente têm o objectivo de suprirem as necessidades físico-psíquicas. Assim, por um lado, o abandono a escola, o casamento prematuro, consequência da sua condição financeira e a dificuldade ou a falta de estímulo para projectar a sua vida, induz aos adolescentes procurem a actividade sexual como forma de dar sentido ou significado a sua vida. Por outro lado, a carência afectiva, a falta de comunicação no meio familiar (falta de aconselhamentos familiares respeitantes à idade em que se deve iniciar as relações sexuais) sobre a sexualidade e a necessidade de auto-afirmação (necessidade de provar a si mesmo a própria virilidade) faz com que os adolescentes assumam precocemente relações sexuais superficiais, nas quais poderá ter como resultado uma gravidez inoportuna, que mudam radicalmente e provavelmente definitivamente o seu presente e o seu futuro.

Relativamente ao tema sobre a gravidez precoce, os adolescentes, têm sempre ideia fixa de que é algo que só acontece com os outros e no entanto, se cada uma não tomar conscientemente as devidas precauções, está sujeita a deparar-se com uma gravidez. Geralmente em quase todos os países, principalmente nas sociedades actuais, a maioria das gravidezes que acontecem na adolescência não são planificadas, nem desejadas e, por isso, constituem problema de vergonha e de saúde, promotor de exclusão. As principais dificuldades enfrentadas pelas mães-precoce ou adolescentes, ao descobrirem grávidez, são diversificadas: rompimento da relação familiar, em que os pais desapontados e acusam os jovens de irresponsabilidade; dificuldade das próprias jovens, assumir e integrar a gravidez na nova vida e a expectativa de maternidade; dificuldade de encontrar um espaço onde as jovens se sintam confortáveis para falarem do seu arrependimento e pedir conselho ou consolo aos amigos; o abandono das namoradas por parte dos rapazes, por não querem assumir a paternidade, consequentemente acabam por abandonar os próprios filhos, o que tem contribuído para o aumento do número mães-precoce e jovens solteiras; o apoio e compreensão por parte da família e das pessoas mais próximas (amigos e colegas) à adolescente com gravidez precoce, são estímulos essenciais para que a própria jovem aceite a gravidez. Estes e outros aspectos aqui não



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

referenciados, contribuem para que, a jovem-mãe toma decisões de forma coerente, consciente e realista.

A jovem adolescente deve ser dada a oportunidade de se expressar livremente os seus sentimentos ser compreendida pela família e pela sociedade. Logicamente que a sua liberdade de expressão deve permitir aplicar correctamente os seus conhecimentos na aceitação das mudanças corporais que inerentes ao seu estado e preparar-se físico-psicologicamente para experimentar a maternidade. Estes e muitos outros aspectos contribuem, para que as jovens adolescentes tenham uma gravidez tranquila e perspectivar melhor o papel de mãe, sem entrarem em depressão, pois muitas delas acham que a gravidez é perda de liberdade e de oportunidade. A incompreensão e rejeição por parte dos pais, faz com que a adolescente se sinta abandonada não só pelo namorado, mas principalmente pelos pais na nova e desconhecida experiência ou realidade. Este isolamento e exclusão faz com que se submeta a atitudes e comportamentos que, acredita, que resolvem o seu problema (abortar, fugir de casa, suicidar...). A gravidez causa nas adolescentes entre outras consequências, a mudança de estilo de vida; o abandono escolar; a dificuldade em arranjar emprego ou rejeição no mercado de trabalho; a impossibilidade de concretizar ou realizar projectos de sonhos; o ser abandonado pelo pai da criança; exclusão social; a prostituição como forma de contornar a dependência financeira dos pais, etc. Neste contexto e considerando as consequências anteriormente apresentadas, pode-se concluir que a gravidez na adolescência é um problema que causa preocupação à toda esfera da sociedade.

A sociedade julga que os jovens, não estão preparados para enfrentar tanto a gravidez como o mercado de trabalho, situação que muitas das vezes, os torna marginalizados, agravando o quadro do desemprego e conseqüentemente da pobreza dos países. A gravidez na adolescência é, portanto, um problema grave que carece de uma reflexão ou no mínimo, que deve ser levado a sério, pois existem várias raparigas que, ao engravidarem indesejadamente, a primeira solução que lhes aparece é fazer o aborto. No entanto, é chamada atenção a sociedade, que a realização deste acto pode ser dificultada devido a problemas anatomo-fisiológicos da adolescente, como por exemplo o tamanho da pelve (vulgo bacia) e a elasticidade do útero destas jovens-mães adolescentes. Um dos



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

relatórios da UNICEF evidenciam que em 2012 ocorreram 213 milhões de gravidezes precoce, das quais 190 milhões em países em vias de desenvolvimento e 23 milhões em países desenvolvidos. Isto corresponde a 133 gravidezes por cada 1000 mulheres entre os 15 e 44 anos de idade. Cerca de 10 a 15% das gravidezes diagnosticadas terminam em aborto. Em 2013, as complicações da gravidez causaram a morte a 230 000 pessoas, uma diminuição em relação às 377 000 em 1990. Entre as causas mais comuns estão as hemorragias maternas, infecções e complicações de aborto e do parto. Cerca de 40% das gravidezes em todo o mundo não são planificadas, das quais metade resultam em aborto.

2. Gravidez na Adolescência em Moçambique

Em termos de definição: A gravidez na adolescência consiste na gravidez de uma adolescente, apesar de a Organização Mundial de Saúde considerar a adolescência como um período de dez a vinte anos na vida de um indivíduo e adolescência é a fase que marca a transição entre a infância e a idade adulta. Caracteriza-se por alterações em diversos níveis (físico, mental e social) e representa para o indivíduo um processo de distanciamento de formas de comportamento da infância e de aquisição de características que o capacitem a assumir os deveres sociais do adulto. Os termos "adolescência" e "juventude" são por vezes usados como sinónimos e por vezes como duas fases distintas, mas que se sobrepõem: para Steinberg a adolescência se estende aproximadamente dos 15 aos 21 anos de vida, enquanto a ONU define juventude como a fase entre 15 e 24 anos de idade, pese embora, deixa aberta a possibilidade de diferentes nações definirem o termo de outra maneira; a Organização Mundial da Saúde define adolescente como o indivíduo que se encontra entre os dez e dezanove anos de idade e em Moçambique, a legislação, estabelece ainda uma faixa etária para menores de idade dos 14 anos completos aos 18 anos, período durante o qual a pessoa nessa faixa de idade é legalmente considerada adolescente, e se cometer um crime pode receber medidas socioeducativas, inclusive de restrição da liberdade através de apreensão. Além disso Oerter descreve na sua obra "*frühes Erwachsenenalter*", o que significa "idade adulta



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

inicial", que vai dos 18 aos 29 anos e que se sobrepõe às definições de "juventude" previamente apresentadas, o que é seguido em parte pela legislação moçambicana, o que diverge da concepção da Assembleia Geral das Nações Unidas, quando afirma que a juventude vai até os 24 anos. Portanto pode-se concluir que o início e o fim da adolescência variam culturalmente de nação para nação, e entre cultura e legislação. O termo é geralmente utilizado em um contexto científico com relação ao processo de desenvolvimento bio-psico-social e o fim da adolescência não é necessariamente marcado por mudanças de ordem fisiológica, mas sobretudo de ordem sociocultural.

Em 2010, como já havia referenciado, o número de adolescentes no mundo era estimado em 1 bilhão e duzentos milhões, perfazendo cerca de 18 por cento da população mundial. A maior parte desses adolescentes, ou seja, 88 por cento, vive nos países em vias do desenvolvimento. Um desses países é Moçambique que, ao nível da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), continua a ser aquele país que tem a mais elevada taxa de gravidezes na adolescência. Segundo dados oficiais relativos a um inquérito feito em 2011, mais de 42 por cento das jovens moçambicanas declararam ter tido um filho antes dos 18 anos e cerca de 8 por cento antes dos 15 anos. A manter-se a actual prevalência de gravidezes prematuras a este ritmo, o país terá cerca de 730 mil raparigas mães, menores de 18 anos, em 2030 ou relativamente daqui há 12 anos, uma situação que preocupa muito não só o Fundo das Nações Unidas para a População(FNUAP), mas também as entidades governamentais moçambicanas. Para a representante do FNUAP em Moçambique, Bettina Maas, quando uma rapariga fica grávida, o seu presente e o seu futuro mudam radicalmente e conseqüentemente a probabilidade de abandono escolar aumenta, as oportunidades de emprego diminuem, a sua saúde fica em risco e agrava-se a sua vulnerabilidade à pobreza, exclusão social e dependência financeira dos pais. Esta é a realidade a que quase metade das adolescentes moçambicanas estão expostas, especialmente aquelas que residem nas áreas rurais, as menos escolarizadas e de famílias de baixo nível económico. Recentemente, o Fundo das Nações Unidas para a População lançou o seu relatório anual sobre a situação da população mundial, referente ao ano 2013. Em Moçambique, a agência da ONU lançou igualmente um suplemento daquele relatório: “Gravidez na adolescência: desafios e



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

respostas de Moçambique”. Um documento de 25 páginas, onde o FNUAP analisa o problema e propõe caminhos para eliminar ou reduzir a gravidez precoce neste país da África Austral. Uma das estratégias que o FNUAP avança e entende ser das mais eficazes é o envolvimento multisectorial e multidisciplinar na abordagem das soluções. Todos os actores governamentais, agências das Nações Unidas e outros parceiros devem envolver-se activamente na busca de soluções alternativas, que protejam as jovens-mães adolescentes. Uma das recomendações avançadas pelo FNUAP é que Moçambique invista fortemente na educação da rapariga, bem como no acesso dos adolescentes e jovens à educação sexual compreensiva e apropriada para cada faixa etária ou idade. É neste contexto que o FNUAP se disponibilizou a investir este ano, cerca de 5 milhões de dólares americanos em programas relacionados com a saúde, e em especial com maior enfoque a saúde sexual e reprodutiva da rapariga.

Entre os anos de 2011 a 2017 a população moçambicana cresceu em cerca de 10,2%, situação que mostra que no geral, a taxa de nascimento da população moçambicana tem vindo a aumentar em todas as faixas etárias, principalmente no grupo etário das adolescentes entre os 15 e 18 anos ou ainda menor que essa idade, cuja taxa é, em média, cerca de 10% casos de gravidez por cada mil adolescentes. Esta taxa apresenta os seus valores mais elevados, nas regiões mais pobres e de baixa escolaridade, dado que as jovens têm menos informação sobre os mecanismos de adquirirem facilmente os métodos contraceptivos e menores possibilidades financeiras. Além disso, a maioria destas jovens-mães dão continuação à gravidez, talvez por terem a maternidade como única expectativa alcançável, repetindo a trajectória praticada pelos seus pais e avós que, provavelmente, tiveram filhos quando ainda eram adolescentes menores.

Moçambique é um dos países da SADC com maior taxa de gravidez na adolescência e a autora do artigo julga que, uma das formas de combater esta realidade seria a promoção de programas de educação sexual reprodutiva e o investimento no planeamento familiar, cenário que permitiria aos jovens em geral, terem a possibilidade de acessar às informações acerca dos métodos anti-contraceptivos. A razão que leva a autora do artigo, a pensar desta forma, tem haver com as observações feitas ao nível de algumas comunidades e faculdades, em que se verificou, que os jovens que recebem a



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

informação sobre a sexualidade, retardam até certo ponto, o início da sua actividade sexual (segundo estudos feitos pela Organização Mundial de Saúde). Segundo dados obtidos durante o período da elaboração do relatório anual sobre a população mundial, lançado pelo FNUAP e conseqüentemente um suplemento daquele relatório foi igualmente lançado pela agência da ONU, tornou-se claro que gravidez na adolescência é um problema que leva muitas jovens-mães a rejeitar os seus filhos. Às vezes, mesmo que não seja esse o seu desejo, acabam por o fazer, devido à situação de desespero e abandono, ou simplesmente pelo facto de não conhecerem os seus direitos e nem receberem apoio dos seus familiares. Estas e outras constatações evidenciadas nesta pesquisa permite nos afirmar que as sociedades actuais já aceitam, em grande parte, o problema da sexualidade na adolescência e, conseqüentemente, as gravidezes precoce na adolescência. Pela veracidade dos factos apresentados anteriormente é possível afirmar também que à medida que os tabus, as tradições e os comportamentos conservadores diminuem, a actividade sexual e a gravidez precoce na juventude vai aumentando. Neste contexto os desafios na busca de soluções são ainda enormes para Moçambique e pelo facto, a autora do artigo concorda e alia-se ao documento de 25 páginas, onde o FNUAP analisa o problema e propõe caminhos para eliminar ou reduzir a gravidez precoce neste país da África Austral.

A gravidez na adolescência consiste na gravidez de uma adolescente, pese embora a Organização Mundial de Saúde considera a adolescência como um período de dez a vinte anos na vida de um indivíduo, embora cada país possa especificar a idade em que os seus cidadãos passam a ser considerados adultos. O factor fundamental para a ocorrência da gravidez, é a ocorrência a menarca, o primeiro período menstrual, que ocorre próximo aos 10, 15 anos, embora este intervalo varie de acordo com a etnia.

Mundialmente, as taxas de gravidez na adolescência varia entre 143 para 1000 na África subsaariana, a 2,9 para 1000 na Coreia do Sul. No Brasil, desde o final do ano 1990, houve uma redução de 20% na fecundidade adolescente de 15 a 19 anos, no primeiro quinquênio do ano 2000. A gravidez na adolescência envolve muito mais do que problemas físicos, pois há, entre outros problemas emocionais, sociais e financeiras.



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Uma jovem de 14 anos, por exemplo, não está preparada mentalmente para cuidar de um bebê, muito menos de gerir uma família. Outra polêmica é o de mães solteiras, que por serem muito jovens, tanto os rapazes como as raparigas não assumem um compromisso sério e, na maioria dos casos, quando surge a gravidez, um dos dois abandona a relação sem se importar com as consequências que advém. Este facto é um dos motivos que fazem aumentar, consideravelmente a cada ano, o número de pais e mães jovens e solteiras. A análise bibliográfica mostra que, alguns especialistas, afirmam que, quando a escola promove explicações e ações de formação sobre educação sexual e reprodutiva, há uma baixa probabilidade de casamentos prematuros, gravidezes precoces e um baixo índice de doenças sexualmente transmissíveis. É importante que, quando diagnosticada a gravidez, a adolescente, receba apoio da família e tenha auxílio do seu contexto social.

A gravidez é o período de cerca de nove meses de gestação nos seres humanos, contado a partir da fecundação e implantação de um óvulo no útero até ao nascimento. Durante a gravidez, o organismo materno passa por diversas alterações fisiológicas que sustentam o bebé em crescimento e preparo para o parto. A gravidez é convencionalmente dividida em três trimestres, de forma a simplificar a referência às diferentes fases do desenvolvimento. O primeiro trimestre tem início com a fecundação e termina nas doze semanas, durante o qual existe risco de aborto espontâneo. O segundo trimestre, caracteriza-se pela diminuição acentuada do risco de aborto espontâneo e, são visíveis os primeiros sinais exteriores da gravidez. O terceiro trimestre é marcado pelo desenvolvimento completo até ao nascimento.

2.1 Casamento prematuros e Gravidez Precoce preocupam MINED

Falar de Casamento Prematuro e da Gravidez precoce em Moçambique a muito que deixou de ser novidade. As suas consequências nefastas sobretudo para a rapariga tem sido partilhadas no vários estudos realizados pela sociedade civil. No sector da educação estas práticas muitas vezes incentivadas através de culturas e tradições, tem estado a contribuir para a maioria de casos de desistência escolar e do baixo aproveitamento pedagógico das raparigas. O que assusta mesmo, são os dados partilhados em entrevista televisiva pelo



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Porta-Voz do Ministério da Educação (MINED), Eurico Banze, que indicam que em 2012 esta instituição ministerial chegou a registrar só numa escola, cerca de 70 casos de gravidez precoce. Em termos de aproveitamento pedagógico e a presença da rapariga na escola, segundo a mesma fonte, os índices variam de distrito para distrito, mas no cômputo geral continuam preocupantes. Temos casos em que a presença da rapariga na escola tem estado a aumentar de 45% a 60%, mas também há casos críticos em que a presença de raparigas está em 19%. Estes dados remetem a necessidade de uma reflexão profunda e urgente, pois a primeira vista, pode ser que as lutas contra estas práticas podem estar a registar mais recuos do que avanços, o que não só compromete as metas dos Objectivo do Desenvolvimento do país, mas acima de tudo tornam infrutíferos os esforços tendentes a materialização do sonho de construção de uma sociedade mais equilibrada a longo prazo. Os pronunciamentos deste responsável do sector da educação foram feitos a quando da apresentação do filme *Girl Rising*, que retrata histórias de superação de 9 mulheres de 9 países diferentes que estavam privadas do acesso a educação. As histórias reais retratadas no documentário foram filmadas em alguns países da Africa, Asia e América Latina. O lançamento em Moçambique foi coordenado pela *Plan International* no âmbito do dia Internacional da Rapariga.

Os casamentos prematuros em Moçambique afectam quase a metade das raparigas abaixo dos 18 anos de idade em Moçambique (segundo o Inquérito Demográfico e de Saúde de 2011), colocando o país na 11ª posição a nível mundial em termos de prevalência de casamentos prematuros. Ao casar-se, espera-se que a rapariga renuncie a sua infância e muitas vezes a escola para assumir o seu papel de esposa e mãe, cumprindo com todos os deveres de mulher incluindo manter relações sexuais e procriar. É nesta perspectiva que o casamento prematuro é visto como violência ou forma de legitimar o abuso sexual das crianças. Um outro aspecto que precisa de ser analisada e reflectida é sobre, os ritos de iniciação, que já há muito tempo são usados como meio de educação dos indivíduos, e, estes mesmos ritos são passados de gerações em gerações, numa clara alusão de preservação e transmissão da identidade cultural.

Os ritos de iniciação ainda são muito usados por diferentes sociedades na transmissão de diversos conhecimentos. Para as meninas, o rito tem como orientação a sua preparação como mulher para a vida, mulher casada, mãe e dona de casa. Aqui, a



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

submissão ao marido inclui a não recusa de relações sexuais com o dito cujo marido. Embora todos tenham os mesmos objectivos de preparação dos indivíduos para a vida em sociedade, a realização de ritos de iniciação em Moçambique não obedece a um padrão nacional. Eles vão variando de um grupo étnico linguístico para outro, (*Liendina Chirindza, UEM*).

Uma das estratégias utilizadas em Moçambique para colmatar o problema de casamentos prematuros e gravidezes precoces é por meio da Rádio, que por exemplo nos últimos tempos tem ajudado meninas a saírem de casamentos prematuros e a sonhar com um futuro melhor. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) tem apoiado, através do Fórum Nacional de Rádios Comunitárias (FORCOM) e do Instituto de Comunicação Social (ICS), na produção de programas radiofónicos semanais em Português e em línguas locais em cerca de 60 rádios comunitárias, incluindo a Rádio Parapato, que conseguiu resgatar 7 meninas a saírem dos casamentos prematuros. O UNICEF também apoia na produção de programas de rádio de Criança-para-Criança, que são programas de rádio concebidos e produzidos por crianças para crianças, plataformas importantes para a sua participação e engajamento. Algumas das entrevistadas, quando questionadas o porque de ter casado cedo? Trazem as seguintes respostas “Eu acho um pesadelo casar enquanto criança” e formulam o seguinte conselho apelativo, “para as meninas que estão casadas, eu peço que não deixem de lutar pelos seus sonhos, peçam ajuda e saiam do vosso casamento prematuros e não abandonem a vossa educação, pois, o vosso futuro depende dos vossos estudos”.

Neste contexto, algumas adolescentes agradecem a Rádio, com um olhar determinado, por lhes ajudar a voltar a sonhar. A prevenção, o combate do casamento prematuro e da gravidez precoce são uma prioridade em Moçambique, e não é novidade que Moçambique está entre os dez países com mais casos de casamentos prematuros em todo mundo. O relatório do UNICEF indica que entre 1997 e 2011, o crescimento da população moçambicana ultrapassou os progressos alcançados na diminuição das taxas de casamento prematuro e da gravidez precoce, o que significa que o número real e absoluto de mulheres casadas e grávidas menores ou antes dos 15-18 anos aumentou drasticamente, apesar da ligeira melhoria na percentagem de raparigas afectadas, pode-se



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

ler no documento que a redução dos casamentos prematuros e gravidezes precoces são como uma prioridade nacional do Governo de Moçambique e ainda contribuí na definição dos pilares da estratégia nacional para a sua eliminação e prevenção. Na realidade segundo ainda este relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância 14,3% de raparigas entre os 20 e 24 anos de idade casaram-se antes ou com idade menor dos 15 anos. O mesmo relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) pode-se ver que a análise estatística sobre os casamentos prematuros e a gravidezes precoces em Moçambique preconiza e constata, que a proporção de raparigas na mesma faixa etária casadas antes dos 18 anos é de 48,2%, que indica ainda que a proporção de raparigas adolescentes casadas e grávidas diminuiu ligeiramente entre 1997 e 2011. No entanto, a melhoria da estatística significativa ao nível de 5% ocorreu apenas em dois indicadores: casadas antes dos 15 e casadas antes dos 18 anos. É evidente que esta luta não tem sido prioridade dos sucessivos Governos de Moçambique pois, embora seja uma violação dos direitos das crianças, só em finais de 2017 (ano passado) é que o Executivo aprovou uma estratégia da prevenção, do combate de casamento prematuro e da gravidez precoce, que na realidade deveria ter começado a ser implementada em 2015, mas só nos finais de 2017 começou a ser divulgada no país. Contudo importa aqui salientar que a falta de condições financeiras dificulta a respectiva materializar.

O relatório da UNICEF evidencia ainda uma matriz de acções, onde constam sete vectores nomeadamente: Comunicação e Mobilização Social; Acesso a Educação de qualidade e retenção; Empoderamento das da rapariga adolescente; Saúde Sexual e Reprodutiva; Mitigação e Recuperação; Quadro Político Legal; Coordenação multisectorial etc. **Existem em Moçambique três modelos de casamento prematuros e de** acordo com o estudo do UNICEF, o casamento prematuro e a gravidez precoce têm um impacto negativo sobre uma série de indicadores de bem-estar para as mulheres. Particularmente, constata-se que há um efeito significativo do casamento prematuro na educação das raparigas, pois verifica-se elevados índice de abandono escolar. Da mesma forma, o documento constata por um lado, que a gravidez precoce está associada ao risco de desnutrição e morte entre os filhos de mães adolescentes. Por outro lado, os estudos realizados pela WLSA Moçambique, uma organização não governamental, concluiu



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

existir uma relação entre os casamentos prematuros e os ritos de iniciação pois, durante os ritos são transmitidos às meninas conhecimentos sobre a relação sexual e a forma como devem comportar-se para agradar o homem. As meninas são ensinadas que não devem ter medo dos homens e como devem agir quando lhes são entregues e logo após ao termino do ritual dos ritos de iniciação, muitas famílias dizem às raparigas-crianças, que elas têm de por si só comprar o material escolar e trazer comida para casa. Perantes esta situação as meninas aprendem a obedecer e a nunca dizem não, quando o homem lhes propõe um relacionamento sexual, pois elas julgam ser fonte de aquisição de dinheiro para trazer comida para casa. As meninas aprendem ainda nos ritos de iniciação que o mais importante na vida é ter um marido e filhos. Existem no nosso país, particularmente nas regiões Centro e Norte, três modelos de casamento prematuro: (1) após a realização dos ritos de iniciação, o homem ou a sua família procura a família da menina e daí combinam e decidem, qual é a quantia necessária, para que seja feita a entrega da rapariga-criança á família daquele homem; (2) quando uma mulher está grávida e ela e o seu marido podem ou são procurados por um homem que diz, se nascer uma menina, essa será minha mulher e, logo depois do nascimento, começa a responsabilizar-se pelas despesas inerentes a criança recém-nascida; (3) o homem vive já preparado e sabe que há uma menina (futura esposa) numa casa e combina o casamento com os pais da menina, que logo depois da realização dos ritos de iniciação, a criança lhe será entregue, e como garantia, ao longo do seu desenvolvimento foi cobrindo todas as despesas inerentes. **Sob a capa de preservar a tradição e perpetuar a ideologia patriarcal dominante**, ironicamente nota-se que umas das acções previstas na matriz, desta estratégia nacional de prevenção, combate dos casamentos prematuros e gravidezes precoce em Moçambique 2016 – 2019, é a realização de 1750 representações teatrais por ano através das quais se pretendem difundir a mensagem. Os académicos, concluem que em Moçambique, sob a capa de se conservar a tradição, assiste-se manifestações culturais mais paradigmáticas, os ritos que ilustram a necessidade de preservar a ordem configurada pela ideologia patriarcal dominante. Lenclud (1987, p. 118), sublinha que a utilidade da tradição é possibilitar e oferecer a todos que a enunciam no quotidiano, os meios de afirmar as suas diferenças e de assegurar a sua autoridade e poder.



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Segundo a Sociedade Civil existem muitas questões que dizem respeito a rapariga e que não cabe apenas na comemoração do dia da Criança e nem no dia Mulher. São questões que tem a ver com o seu dia-a-dia na escola, na saúde, na família e na forma como a sociedade a olha e a trata. A construção de uma sociedade justa e equilibrada passa necessariamente por olharmos para as raparigas como pessoas que tem direito e não como objecto de prazer pronto para ser usado. Actualmente a sociedade lança um olhar critico para as escolas, que segundo ela não estão preparadas para atender as necessidades básicas das raparigas. Muitas vezes as nossas escolas não estão preparadas para que as raparigas possam lá estar, pois as casas-de-banho não tem o mínimo de higiene, não tem água para que ela possa se lavar e em caso da menarca (primeira menstruação), ela não tem onde ter algum apoio e muitas das vezes sem se dar conta, acabam tendo a sua intimidade exposta. Algumas oraganizações que trabalham com raparigas, alertam a sociedade que varias vezes tem se deparado com casos em que a rapariga, por algum motivo se sente mal e se dirigem para unidades sanitárias mais próxima a sua residência e lá é simplesmente mandadas voltar para casa, supostamente porque o seu estado ainda não é grave. A autora do artigo julga que, tal facto acontece por falta de conhecimento e da sensibilidade em relação a rapariga, pois não faz sentido alguém que não se sentem bem, ser simplesmente enviada de volta para casa, sem pelo menos ser observada. Este facto, fez com que em Dezembro de 2011, a Assembleia Geral das Nações Unidas, adoptasse uma data alusiva ao dia Internacional da Rapariga, que se centra na necessidade de procurar soluções aos desafios que as raparigas enfrentam, promovendo a autonomia nas raparigas em cumprimento dos seus direitos.

2.2 Empoderamento da Rapariga: Um passo seguro para o desenvolvimento

Quando se fala do empoderamento da mulher, e da rapariga em particular, a nível sócio-económico e cultural em Moçambique, fala-se de algo ainda desafiante, com entraves que impedem a sua acção efectiva. A falta de informação e do acesso aos serviços básicos enfraquece o empoderamento. As raparigas empoderadas podem e devem por si, escolher e tomar decisões, sobretudo sobre os seus direitos e a sua sexualidade, no geral. São muitas



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

raparigas, que por não conhecerem os seus direitos, não têm a capacidade de escolha por exemplo com quem e quando iniciar a sua relação sexual, submetendo-se assim, a várias situações que perigam o seu crescimento, nomeadamente, os casamentos prematuros e as gravidezes precoces, pois elas, em muitos casos não têm o poder de decisão ou de se opor

a decisão dos pais ou de simplesmente dizer não a estas práticas. O caso dos ritos de iniciação, uma prática cultural muito frequente na zona norte do país, que de alguma forma é prejudicial à rapariga, pois traz aspectos negativos para a sua vida (tornar-se esposa e mãe-precoce). Auscultadas algumas tradições, por exemplo na província de Nampula, a prática de ritos de iniciação apresenta-se em dois cenários, (1) em uma das regiões da província, as crianças são ensinadas as formas de gestão de higiene corporal, enquanto que (2) em outras regiões, as crianças são incentivadas, que logo ao sair dos ritos de iniciação pratiquem relações sexuais e com homens já sexualmente activos. Estamos a falar de crianças adolescentes que ainda não estão preparadas, tanto físico como psicologicamente para enfrentar a vida social. Essas crianças são impedidas de escolher e planificar o seu futuro, pois ficam grávidas precocemente e envolvidas em casamentos prematuros, deixando para trás a sua educação escolar ou formal, e os demais sonhos. Empoderar a rapariga é criar mecanismo para que ela participe de forma activa na luta pelos seus direitos e no seu próprio desenvolvimento. Em nosso entendimento há necessidade de se criarem mecanismos de reflexão sobre o cenário em que ocorre os ritos de iniciação em Moçambique, respeitando logicamente as etnias culturais. É assim que o Comité para os Direitos da Criança, exorta ao Estado moçambicano, em relação as práticas culturais prejudiciais, a desenvolver programas de sensibilização que envolvam as famílias, líderes comunitários e a sociedade em geral, incluindo as próprias crianças ou jovens adolescente, para reflectir sobre as práticas de ritos de iniciação, casamento prematuro e gravidez precoce. O empoderamento deve também estar acompanhado pelo acesso aos serviços básicos de educação, saúde e protecção social, pois a luta pelos direitos da rapariga em particular, deve ser encarada pelos pais e pela comunidade em geral, como sendo da sua plena responsabilidade.



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

2.3 Causas e Consequências de casamentos prematuros e gravidezes precoces: resultados preliminares do grupo-alvo envolvido no estudo, a vila-sede e a localidade de macanda, distrito de Marracuene, província de Maputo.

As principais causas ou factores que contribue para a ocorrência de uma gravidez prematura na adolescência são entre outros: o aparecimento da primeira menstruação por volta dos 12 anos de idade; o não uso de métodos anticoncepcionais, devido à desinformação e inconsciência por parte dos jovens actuais, principalmente em classes de muito baixa renda e escolaridade; o desconhecimento das funções corporais quanto à educação sexual e capacidade reprodutiva; as adolescentes que iniciam a vida sexual precocemente ou que engravidam durante esse período; o uso de drogas e bebidas alcólicas dão a possibilidade de engravidar durante a adolescência e afecta os efeitos dos ant-contraceptivos, o que faz com que a rapariga engravide mesmo usando algum tipo de anticoncepcional; o desejo da adolescente de autoafirmar-se como adulta, a contraposição as regras impostas pelos pais ao acto sexual e o desejo de viver ao lado da pessoa amada leva a uma gravidez inesperada.

Consequências e riscos de uma gravidez precoce: A gravidez na adolescência pode trazer **consequências emocionais, sociais e económicas** para a saúde da mãe e do filho. A maioria das adolescentes que engravida **abandona os estudos** para cuidar do filho, o que aumenta os riscos de desemprego e de dependência económica dos familiares. Esse factores contribuem para a perpetuação da pobreza, baixo nível de escolaridade, abuso e violência familiar, para além de que, a ocorrência de **mortes na infância** é elevada em filhos nascidos de mães adolescentes. A situação socioeconómica e a **falta de apoio e de acompanhamento na gestação** contribuem para que as adolescentes não recebam informações adequadas em relação à alimentação apropriada, a importância da amamentação e da vacinação. O grande o número de adolescentes que se submetem a **abortos inseguros**, riscam a sua própria saúde e este risco á vida tem **impacto na saúde pública**, e, é considerado como sendo uma das principais causas de morte materna. As principais consequências de uma gravidez precoce refletem-se no campo psicossocial, pois os adolescentes não estão preparados para assumir as responsabilidades da



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

maternidade e os preconceitos contra a adolescente gestante, que quebrou regra social tendo relações sexuais antes do casamento, é muito forte principalmente nas pessoas mais velhas. O abandono escolar, que dificulta o arranjo de emprego, impossibilita a realização de alguns sonhos que caracterizam os jovens e finalmente ser abandonado pelo pai da criança e a dependência financeira dos pais durante longo período de tempo. Os principais fatores que levam à gravidez no início da vida reprodutiva, são, a falta de conhecimento adequado dos métodos contraceptivos e como usá-los; dificuldade de acesso a esses métodos por parte do adolescente; ingenuidade, dificuldade e vergonha das raparigas em negociar o uso do preservativo com o parceiro. As experiências sexuais precoces são observadas em adolescentes em famílias onde os irmãos mais velhos já apresentam vida sexual activa. É comum encontrar adolescentes grávidas cujas mães também iniciaram a vida sexual precocemente ou engravidaram durante a sua adolescência. por outro lado, famílias onde se conversa e há **orientação sobre a vida sexual**, a situação pode ser diferente. A questão das causas, consequências e factores de risco, a maioria do grupo-alvo da vila-sede de Marrecuene conhece á excepção do grupo-alvo da região rural de Macanda, pertecente também do distrito de Marracuene. Neste contexto os resultados preliminar, mostram por exemplo que e há uma necessidade e julgamos que, a quem é de direito, deve envidar esforços e com ajuda de organizações não governamentais desenvolver programas que possibilitem o acesso ás informações sobre a educação sexual e reprodutiva, assim como as causas e consequências de um casamento prematuro e uma gravidez precoce. Em geral os dois grupo-alvos foram unânicos em afirmar que estão arrependidos por terem se envolvidos em casamentos prematuros e consequentemente terem se tornados mães-precocemente, facto que os levou abadonar a escola e dedicarem-se aos cuidados do recém-nascido, pese embora sem ajuda do pai e nem dos familiares deste. Significa toda a responsabilidade recai sobre os país da rapariga adolescente e nuca ao rapaz. Quando questionados se estariam interessados em voltar a estudar, se alguém lhes desse essa possibilidade, quase todas foram unânime em afirmar que voltariam a estudar, falta lhes recursos financeiros (dinheiro), pois os seus familiares já tem despesas acentuadas por causa do recém-nascido, que veio praticamente sem qualquer planificação, tanto pela joven mãe-adolescente, quanto pelos país ou outros membros



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

familiares. Então actualmente as jovens mães estão empenhadas na agricultura, produzindo principalmente a batata de polpa alaranjada, pois é a única forma de sobrevivência e a única fonte de rendimento, capaz de minimizar as despesas do novo membro familiar. A outra questão feita aos dois grupos alvos foi a opinião, como se podia evitar a gravidez na adolescência? Os dois grupos-alvos foram consistentes em afirmar que a **melhor forma de evitar a gravidez na adolescência é se informar adequadamente** e conhecer o próprio corpo e o parceiro antes de começar a vida sexual. São de opinião que rapazes e raparigas devem se informar sobre os métodos anticoncepcionais, por exemplo preservativo é o mais comum, mais barato e mais fácil de utilizar, pois para além de evitar a gravidez indesejada, ela também protege contra as doenças sexualmente transmissíveis.

No questionamento sobre se conhecem ou não alguns métodos anticoncepcionais: deparamos-nos com a seguinte realidade, os dois grupos-alvos tem noção da existência de alguns métodos anticoncepcionais ou contraceptivos, como por exemplo tabelinha; pílulas; injeções; dispositivo intrauterino-DIU, pois disseram que aprenderam na escola, na sua maioria na 7ª classe na unidade didáctica educação sexual e reprodutiva. O maior problema que o grupo-alvo enfrenta, é não saber, onde deviam adquirir tais métodos e tinham medo de aboradar o assunto com qualquer membro familiar, pois nenhum membro da família lhe havia abordado antes. Por incrível que pareça ainda hoje clama por alguém que lhes possa explicar, o que fazer para evitar gravidezes sucessivos num período curto de tempo. Logicamente que esta constatação nos levou a pensar que tanto na Vila-sede como na localidade rural de Macanda, ainda há necessidade de promover programas de educação sexual reprodutiva, que tenha não só o objectivo de evitar casamentos prematuros, e consequentemente as gravidezes precoces, mas que sirvam também para evitar as doenças sexualmente transmissíveis.

Importa aqui salientar que, se os conteúdos da reprodução sexual e reprodutiva no 1º ciclo do ensino secundário geral (ESG) ou concretamente na 8ª classe, fossen realmente abordados seguindo os conteúdos dos outros sistemas preconizados nos programas de ensino para este ciclo, provavelmente que teríamos de alguma forma a baixa prevalência ou índice de casamentos prematuros e consequentemente as gravidezes precoces. O



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

detalhe pormenorizada destes conteúdos garante não só, que a rapariga tenha um conhecimento prévio solidificado sobre si, mas que a posterior influe grandemente no comportamento desta rapariga. O conhecimento prévio que a rapariga possa ter ajuda-a na tomada de decisão para optar por exemplo por um ou outro métodos anticoncepcional. O outro aspecto que aqui possa ser referenciado é o parto nas Mães Adolescentes, pois como já se referiu anteriormente, a adolescência é um período de mudanças fisiológicas, psicológicas e sociais que separam a criança do adulto, prolongando-se, segundo a Organização Mundial de Saúde, dos 10 aos 20 anos incompletos. Os partos realizados por mães adolescentes apresentam muitas mais complicações do que os partos realizados por mães já adultas. Existe de certa forma uma maior taxa de mortalidade das mães adolescentes durante o parto, devido a complicações da gravidez, do parto e do período após o parto e normalmente maioria dos recém-nascidos de mães adolescentes apresentam um baixo peso e a sua taxa de mortalidade é muito superior aos recém-nascidos das mães adultas. Significa é frequente observar uma maior frequência do aparecimento de sintomas depressivos no período pós-parto em mães adolescentes e conseqüentemente o elevado número de gravidezes consideradas de risco, pois a mãe adolescente podem estar sujeita a lesões ou mesmo à morte, em decorrência da gravidez ou pós parto, para além de que a maior parte dos recém-nascidos são, ainda, prematuros.

No entanto, apesar de todas as complicações durante a gravidez e o parto, é possível observar segundo a literatura uma situação paradoxal, em que as mães adolescentes estão mais predispostas para amamentação do que as mães adultas, favorecendo dessa forma uma melhor interacção com os recém-nascidos, embora alguma literatura evidencia que os filhos de mães adolescentes sofre tendencialmente negligência materna e conseqüentemente, apresentam um risco aumentado no seu desenvolvimento. Durante o desenvolvimento da pesquisa, contactamos a instituição de posto de saúde, que geralmente apoia a rapariga grávidas, de modo a conseguirmos, de certa forma, entender melhor a vida destas jovens mas, também, o tipo de apoio que estas recebem nestas Instituições de saúde. Após a marcação do dia com a director do posto de saúde da Vila-sede e da localidade de Macanda realizámos uma visita à instituição, assim como uma entrevista ao pessoal daquele posto de saúde, seguidamente, fomos mostrados as



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

instalações e explicado que tipo de apoio que se fornece às mães adolescentes. Durante a visita as instalações apercebemos-nos também que na localidade de Macanda há existência de casa “mãe-Espera”, que se destina ao acolhimento todas mulheres grávidas oriundos de localidades mais distantes do posto de saúde. Esta casa alberga a mãe grávida desde os últimos momentos da sua gravidez até ao parto. Julgamos ser uma boa medida, pois a maioria da rede dos nossos postos de saúde não cobre ainda todas as comunidade circunvisinhas, razão pela qual há ainda muitas comunidade, se não a maioria, que tem que percorrer longas distâncias para encontrar um posto de saúde. Olhando para o nosso problema contextual, esta situação torna cada vez mais debilitada a vida das mães adolescentes. A outra questão aqui levantada ao pessoal directivo de saúde foi, se a casa mãe-Espera estiver cheia, que procedimento toma o posto? O director disse-nos que primeiro, diagnosticam a paciente e verificam se o trabalho do parto já iniciou ou não, e caso não tenha iniciado, e dependendo das circunstância de vivência a mãe grávida pode ser mantida no posto de saúde ou devolvida a casa, mas são raros os casos, em que a casa mãe-Espera esteja ou se encontra superlotada.

No fim da visita à instituição, pedimos encarecidamente a possibilidade de uma colaboração com o posto no sentido de realizar um ciclo de palestras sobre a educação sexual reprodutiva e a questão do apoio que se deve dar a estas jovens mães adolescentes e outras dúvidas que os alunos ou as mães adolescentes que participarem destes ciclos de palestras colocarem acerca do assunto.

As mães adolescentes participam nas palestras ministrada pela Escola superior Técnica encaminhadas por técnicos de saúde, e são recebidas atendidas social- e pedagogicamente pelos estudantes do quarto ano curso de Ciências Agropecuárias. Estas mães adolescente não têm formação, ou sejam têm no máximo a frequência de 5ª classe. Portanto o grosso delas é para serem integradas de novo na escola e, algumas, em nº muito reduzido e casual podem aumentarem as suas competências maternas ou profissionais no ramo de Agricultura. Este último objectivo é nos conduziu a selecção dos estudantes do quarto ano do curso de Agropecuária, pois estamos cientes, que o nosso grupo-Alvo de adolescente precocemente mães, não têm quase nenhuma oportunidade no mercado do trabalho, a não ser no ramo de agricultura por falta de escolaridade. Neste contexto, a



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

nossa pretensão é que, as palestras não incidam apenas nos aspectos de sexualidade reprodutiva, mas também nos aspectos de produção agropecuária.

Na instituição, o ciclo de palestras sensibiliza a jovem adolescente para aceitar se tornar mãe, aconselhando e estimulando o seu interesse para a reinserção na formação escolar. A entrevista realizada às primeiras mães precoce participante ao evento de palestras organizadas pela Escola Superior Técnica, mostra que o ciclo de palestras contribui grandemente, principalmente na mudança de comportamento destas jovens adolescentes, que por sinal se consideravam abandonadas pelos pais, pelo sistema nacional de educação em Moçambique e pela sociedade em geral. A nossa Instituição organiza palestra para todas as jovens com faixa etária compreendida entre 12 a 21 anos e que estejam ainda a frequentar o ensino secundário geral ou que desistiram por terem se tornadas precocemente mães ou ainda que se encontram grávidas. O ciclo de palestras é considerado nesta pesquisa como apoio a adolescente mãe ou grávidas, tem como o objectivo a sua sensibilização para o reingresso escolar ou prover aquisição de conhecimentos que possibilitem a criação de condições para que o recém-nascido possa nascer com facilidade e acompanhado pelo pessoal técnico de saúde. A nossa intenção é sensibilizar e consciencializar as pessoas até elas terem capacidade própria de tomar decisões sobre os seus actos, no entanto, quanto mais novas são as mães, mais difícil se torna esta situação. O ideal mesmo é fazer uma ligação estreita com as famílias ou com as entidades de saúde, uma vez que são elas que apoiam estas jovens mães na preparação da sua maternidade. O projecto de pesquisa pretende também levar a cabo acções concretas de aconselhamento e acompanhamento destas jovens mães para regressam à escola ou quando conseguem arranjar emprego ou efectivamente se tornarem empenendedoras autónomas. Logicamente no momento inicial as mães têm que ser apoiadas, dado a sua situação emocionalmente instáveis, no entanto, mais tarde, têm que começar a pensar seriamente na sua própria vida, valorizando o pouco que têm aprendido, no que concerne a saúde sexual reprodutiva ou agropecuária. Claro que você podia se perguntar quais são as condições necessárias para participar do ciclo de palestras organizadas pelos estudantes do 4º ano do curso de agropecuária? A resposta a esta questão é simples, todas podem em princípio participar, mas priorizamos apenas as



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

raparigas adolescente grávidas ou mães precoces que estejam no ensinoprimary ou 2º ciclo do ensino secundário geral ou que tenham desistido de estudar.

A única intenção é que estas mães adolescentes tenham uma preparação sobre a sexualidade reprodutiva e sobre a maternidade, que por qualquer razão, a escola onde estudaram não tiveram, ou seja, aconselhá-las para regressar á escola, pois é a única forma de poder se integrar no mercado de emprego e autosustentar. Na realidade o ideal é que estas jovens consigam regressar às suas escolas, mas também que rapidamente se reintegrem nas famílias e normalmente as abandona. As palestras tem como objectivo principal ajudar às mães que se enquadrem nas casas dos seus familiares, que tenham noções específica sobre saúde sexual reprodutiva e maternidade, mas também uma formação para o desenvolvimento das competências agropecuárias. A pesquisa objectiva além disso, proporcionar estas mães adolescentes cursos de formação de curta duração na área de Agropecuária ou reencaminhar para a escola. Na verdade o nosso desejo era que Escola Superior Técnica como unidade orgânica pudesse funcionar como provedor das referidas palestras, dos cursos de curta duração , onde pudessem ser frequentados por estas jovens mães, pese embora pudessem ser conduzidos orientados pelos estudantes dos quartos anos do curso de agropecuária, como é o caso das actuais palestras, nesta primeira fase. Se a Escola Superior Técnica fosse o provedor dos cursos de formação profissional de curta duração, então, as mães precoce, querendo escolheriam a área que funcionaria para a sua reinserção profissional. Logicamente que se forem as mães a escolher a área que gostam, facilmente desempenharão correctamente acções nessa área. Se na verdade, a instituição da Escola Superior Técnica, oferecer alguma formação profissional à disposição, embora, muitas vezes, seja de base que estas jovens com muito baixa escolaridade têm, precisariam portanto, de fazer no mínimo 7º classe, para depois se inscreverem na formação profissional.

Geralmente, o nível de escolaridade destas jovens é muito baixo e o que nos preocupa não são somente os níveis de escolaridade muito baixos, mas principalmente as jovens que abandonam a escola, pois, hoje em dia, não é mais admissível que uma jovem adolescente de 16 anos tenha somente a 4ª classe ou que por qualquer razão não tenha a escolaridade mínima obrigatória.



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Com o projecto de pesquisa pretende-se, que de facto, estas adolescentes depois de terem se tornados mães precoce, esse facto não seja motivo impeditivo para continuarem com a sua escolaridade. A realidade actual mostra que temos cada vez mais jovens menores de 15 anos que se tornam mães e chegam a concluir o 1º ciclo do ensino secundário geral e a questão é como ajudá-las a concluir o 2º ciclo?

A questão da existência ou não de algum envolvimento dos pais dos recém-nascido é pretenção, mas no momento centramos-nos nas mães adolescentes, pois julgamos que mesmo que haja, é importaante que cada membro da familia contribua para o desenvolvimento deste recém-nascido.

Os alunos do 4º ano curso de agropecuária atendeu 14 jovens oriundos da localidade de Macanda com idades entre os 12 anos e os 18 anos. É de salientar que das 14 jovens atendidas pelo curso de agropecuária, todos as 14 encontravam-se em situação irregular de abandono a escola e apenas 2 destas mães adolescentes regressaram a escola. Os mesmos estudantes do 4º ano atenderam também 6 jovens provenientes da Vila-sede de Marracune, todas com idade compreendida entre os 15 e os 17 anos. Neste momento podemos podemos afirmar que pelo menos 20 jovens adolescentes dos 12 aos 18 anos participaram nas palestras organizadas pelos estudantes do 4º ano do curso de agropecuária, o que nos leva acreditar que estão minimamente preparadas para assumir a maternidade e possuem competências básicas de agropecuária, que lhe permitam inserir no meio social. Neste contexto podemos afirmar que a Escola Superior Técnica por meio dos estudantes do 4º ano de Agropecuária ministrou palestra e deu noções de Agropecuários as 20 jovens mães entre os 12 e os 18 anos. As idades destas jovens distribuem-se da seguinte forma: 1 jovem de 17 anos, 5 jovens de 14 anos, 5 jovens de 15 anos, 4 jovens de 16 anos e 5 jovens de 18 anos. A maioria das adolescentes não concluiu a escolaridade obrigatória: 5 destas adolescentes tem apenas a 4ª classe, 5 delas tem frequência da 5ª classe, 1 mãe adolescente têm a 6ª classe, 4 têm a 7ª classe, 3 jovens interromperam a sua escolaridade na 8ª classe e apenas 2 adolescentes frequentam a escolaridade pré-universitária e são as duas que tinhamos evidenciado anteriormente que tinham conseguido regressar a escola. Logicamente que essa situação tem um impacto



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

socio-económico muito negativo, pois aumenta a pobreza absoluta e o desemprego ou a incapacidade de autosustento.

Para finalizar salientar que o nosso desejo é que a Escola Superior Técnica oferecesse as jovens mães adolescentes formações profissionais de curta duração, mas que lhe munisse de competências que garantam por um lado, a sua inserção na sociedade e o seu próprio autosustento. Por outro lado, a escola deve procurar fazer parceria com o ministério de saúde, no sentido de trabalhar com alguns postos de saúde que geralmente atendem as jovens mães adolescentes, para juntos envidar esforços no sentido de apoiar na educação e formação básica dessas jovens mães adolescentes. É claro que isso passa necessariamente pela concepção de um projecto sólido e agariação de fundos que garantam a sua implementação. Nesse contexto os pesquisadores podem ter oportunidade de levantar outras questões inerentes a essa problemática, como por exemplo: a questão do envolvimento dos jovens pais; a questão do abandono infantil e suas consequências. A nossa intenção é dar continuidade a pesquisa com os estudantes dos quartos anos do curso de Agropecuária, ou encarregar a responsabilidade da Escola Superior Técnica pois julgamos que esse tipo de acção se enquadra melhor nas três funções chaves de uma universidade, que são Ensino, Pesquisa e Extensão. Conseguir levar avante este projecto de pesquisa, não ajuda as jovens mães a saber cuidar dos seus recém-nascidos, mas é também lhe proporciona uma formação profissional de base. Por isso, no próximo passo queremos elaborar distribuir inqueritos para todas as jovens casadas prematuramente e grávidas precocemente ou mães adolescentes, incluindo os pais das jovens mães e das respectivas crianças. Depois da realização dos inqueritos por parte dos estudantes do 4º ano do curso de Agropecuária da nossa escola, as informações recolhidas serão analisadas e, de seguida, apresentadas em forma de gráficos (Excel), e finalmente esses gráficos serão interpretados e observados.



RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806 - ON LINE

Referências Bibliográficas

INE (2011). Mulheres e Homens em Moçambique: Indicadores Seleccionados de Género 2011. Instituto Nacional de Estatística. Maputo.

GOVERNO, Moçambique (2010). Plano de Acção Multisectorial para a Redução da Desnutrição Crónica em Moçambique 2011-2015 (2020). Maputo.

Ministério da Saúde (MISAU), Instituto Nacional de Estatística (INE) e ICF International (ICFI). Moçambique Inquérito Demográfico e de Saúde 2011. Calverton, Maryland, USA: MISAU, INE e ICFI.

MISAU (2002). Moçambique: Investir na Nutrição é Reduzir a Pobreza. Análise das Consequências dos Problemas Nutricionais nas Crianças e Mulheres. Direcção Nacional de Saúde, Repartição de Nutrição. Maputo.

CEPSA (2013). Dinâmicas da População e Saúde em Moçambique. Centro de Pesquisa em População e Saúde. Organizado por Carlos Arnaldo e Boaventura Cau. Maputo.

SUN, Plataforma (2014). Advocacia vs Políticas Públicas de Nutrição em Moçambique – Contribuição das OSC na redução da desnutrição crónica, no âmbito do SUN.

Recebido: 20/5/2018.

Aceito: 20/6/2018

Sobre autora e contato:

Brígida D’Oliveira Singo, PhD, Universidade Pedagógica de Moçambique

Rua Paiva Couceiro nº 245, Flat5 Maputo, Bairro Malanga

E-mail: bisingo@gmail.com